



Physis - Revista de Saúde Coletiva

ISSN: 0103-7331

publicacoes@ims.uerj.br

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro
Brasil

Maia dos Santos, Adriano

Organização do processo de trabalho nas Equipes de Saúde Bucal: debate político, técnico e ético.

Physis - Revista de Saúde Coletiva, vol. 20, núm. 2, abril-junio, 2010, pp. 683-686

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=400838227018>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Organização do processo de trabalho nas Equipes de Saúde Bucal: debate político, técnico e ético

RODRIGUES, A.A.; ASSIS, M.M.A.

Saúde bucal no Programa Saúde da Família: sujeitos, saberes e práticas.

Vitória da Conquista: UESB, 2009. 180p.

| ¹ Adriano Maia dos Santos |

¹ Universidade Federal da Bahia. Instituto Multidisciplinar em Saúde. Docente. Mestre em Saúde Coletiva pela UEFS e doutorando em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz. Endereço eletrônico: maiaufba@ufba.br

Em *Saúde bucal no Programa Saúde da Família*, as autoras vão muito além das questões triviais e mergulham na análise dos “sujeitos, os saberes e as práticas”, sendo que a saúde bucal é o pano de fundo para o aprofundamento nas questões do processo de trabalho em saúde – ou seja, uma reflexão que contempla as profissões da saúde, não se restringindo à odontologia. A pesquisa, nesse aspecto, ainda que discuta a *práxis* em saúde bucal, desvela, nas abordagens, questões que interessam a todos. A saúde bucal poderia ser até um pretexto para, no fundo, investigar a micropolítica do trabalho no Programa Saúde da Família: trabalho em equipe, tecnologias em saúde, organização de serviço, educação permanente, oferta *versus* demanda, dentre outros temas.

O livro é resultado de uma pesquisa de campo, um estudo de caso em cidade do interior da Bahia, e está organizado em três partes, que podem ser lidas em qualquer ordem, a depender do interesse do leitor. As autoras foram generosas em escrever cada parte com um enredo que permite a compreensão independente das demais partes, mesmo que seja no conjunto que se consubstancia a força da pesquisa.

Uma questão que poderia surgir a um leitor desavisado seria a da singularidade dos resultados. Uma investigação num cenário particular poderia revelar e/ou representar a prática em saúde bucal? A resposta, obviamente, é complexa, ainda que arrisquemos a dizer que sim. A opção metodológica é o trunfo para essa façanha, pois a partir de uma investigação qualitativa e da triangulação de métodos, substanciou-se uma discussão na qual os recortes das falas (dados empíricos)

evidenciam, no particular, elementos que encontram eco em inúmeros outros cenários, contrastados e sustentados por uma competente escolha das referências teóricas. Por conseguinte, ao debruçarmos sobre a leitura, a impressão é de que estamos lendo histórias que conhecemos de lugares muito familiares, de práticas que já vimos ou fizemos, de problemas que já enfrentamos ou denunciemos, de possibilidades em que acreditamos ou já pusemos em prática. Portanto, é na singularidade da fala dos sujeitos da pesquisa que a investigação consegue fazer emergir o sentido universal das questões apresentadas, sem, contudo, abandonar a responsabilidade de focar os resultados do que se tem em mãos.

A parte I é composta pelo capítulo 1, “Ressignificando o trabalho em saúde bucal”, e capítulo 2, “Organização tecnológica do trabalho em saúde: construção de sujeitos, saberes e práticas”. Nesses capítulos, as autoras esclarecem a motivação para o estudo, o recorte do objeto, os objetivos e os pressupostos teóricos. Além disso, esmiuçam a metodologia utilizada e a opção pelas “ferramentas analisadoras” – “fluxograma descritor” e a “rede de petição e compromissos”, como instrumentos para captar os fenômenos próprios do processo de trabalho, modelados de maneira criativa a partir das falas dos sujeitos entrevistados (formuladores de políticas e trabalhadores da saúde).

A parte II é composta pelo terceiro capítulo, “Construção de sujeitos, saberes e práticas na saúde bucal de Alagoinhas, Bahia: o trabalho cotidiano no Programa de Saúde da Família (PSF) como protagonista da mudança”, que, por sua vez, se desdobra em quatro cenas, resultantes da pesquisa empírica. As cenas são interligadas, pois partem de um mesmo fio condutor – o processo de trabalho em saúde. No entanto, as “cineastas” Rodrigues e Assis focalizam as cenas utilizando diferentes ângulos, daí a possibilidade de criar enredos que abordam a “Oferta *vs* demanda na atenção à Saúde Bucal” (cena 1), “O trabalho em equipe” (cena 2), “ACS como sujeito da prática coletiva em Saúde Bucal” (cena 3) e “As concepções da Equipe de Saúde Bucal sobre o PSF” (cena 4).

A cena 1 evidencia os conflitos entre a oferta e a demanda dos serviços, sintetizando-os como “seletivos, excludentes e com baixa resolubilidade”. A “rede de petição e compromissos” permite a descrição minuciosa da organização dos serviços no sistema local de saúde, enquanto o “fluxograma descritor” revolve as práticas nas unidades de saúde da família e desvela questões intersubjetivas. Nesse sentido, as autoras analisam os aspectos técnicos e éticos dos sujeitos envolvidos,

captando os ruídos cotidianos para compreender as implicações do instituído (portarias, normas, rotinas e protocolos), os limites e as possibilidades com que as formulações políticas dos diferentes níveis de governo se materializam no cotidiano das práticas, bem como tais opções governamentais imprimem, na realidade da cidade estudada, uma racionalidade que constrange os direitos universais, a integralidade e a equidade dos munícipes, usuários do Sistema Único de Saúde. Contudo, dialeticamente, as autoras recuperam o avanço histórico representado pela opção na inserção das equipes de saúde bucal (o município estudado é um dos primeiros do estado a tomar a iniciativa), o aumento no número de procedimentos individuais e coletivos (oferta) e, por conseguinte, a ampliação pela procura dos serviços (demanda), antes ofertados de forma restrita.

A maneira como interagem os diferentes trabalhadores para prestarem o cuidado em saúde bucal é a abordagem da cena 2. A equipe de saúde bucal é tomada como sendo constituída pelos integrantes do PSF e, não somente, pelo odontólogo e pela auxiliar de consultório. Essa característica, apontada pelas autoras, exige uma prática interdisciplinar, ao mesmo tempo em que acende uma nova maneira de considerar a linha de cuidado em saúde bucal, pois parte da prerrogativa de que é no conjunto dos processos de trabalho (médico, enfermeiro, ACS, técnico de enfermagem etc.), nos diferentes níveis de atenção, que se materializa a integralidade na saúde bucal. Os recortes das entrevistas transcritas no texto apresentam evidências de inovações na saúde bucal, que se processa, no Saúde da Família, como interlocuções dos distintos sujeitos da prática, ainda que de maneira tímida, mas um avanço se comparado às práticas liberais, ou às antigas práticas nos serviços públicos.

O ACS é o protagonista da cena 3. Aparece num enredo que consagra sua prática como decisiva na ligação do técnico-científico com o senso comum, do instrumental com o sensível, a partir de uma interação estreita com a saúde bucal. No caso do município, o processo de educação permanente, a participação nas ações coletivas, a valorização de seu trabalho pelos trabalhadores e o reconhecimento da comunidade retratam um instigante processo de trabalho que desafia o instituído.

Em seguida, a cena 4 desvela concepções acerca das ações desenvolvidas no PSF em relação à saúde bucal. O texto é construído a partir de um resgate histórico sobre a construção dos sistemas de proteção social e, particularmente, como os

sistemas de saúde foram sendo forjados nos diferentes países, resultado de embates e opções que moldaram, no Brasil, o SUS e as políticas específicas em saúde bucal. As concepções, portanto, evidenciam modelos que foram difundidos na sociedade, seja no interior das instituições formadoras ou no cotidiano das práticas liberais e/ou públicas, conformando os sentidos atribuídos ao cuidado em saúde.

A parte III diz respeito às considerações finais. As autoras optam por fazer uma síntese das discussões e terminam alertando para o caráter provisório da investigação, bem como assumem um tom implicado com o cenário e com os sujeitos. O estudo, realizado em 2004, abarca as peculiaridades históricas e as singularidades dos sujeitos envolvidos. Entretanto, discute um tema absolutamente atual e traz análises que colaboram com o debate político, técnico e ético, além de conclamar para a ação em defesa da saúde bucal para todos.